REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

15.º Anno — XV Volume — N.º 491

11 DE AGOSTO DE 1892

Redacção – Atelier de Gravura – Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Ora graças a Deus! Até que emfim uma questão d'arte tem a habilidade de se impôr á attenção do publico, de dominar todas as varias preoccupações que agitam a sociedade lisboeta, de ser durante um par de dias o assumpto predominante de quasi todas as conversações!

Essa questão foi a questão do theatro de D. Maria: fez-se em torno d'ella um barulho de bom agouro, porque é um symptoma de que as cousas que dizem respeito á arte não estão tão abandonadas, tão postas de parte, no meio d'esse fervilhar de questiunclas eleitoraes, de luctas mesquinhas de conventiculos politiqueiros, como muita gente imaginava; disse-se a respeito d'ella muita cousa disparatada, muita coisa injusta, muita coisa fóra de proposito é certo, mas no fim de contas ainda bem que se disse, porque no meio d'essas coisas sem senso disseram-se coisas muito sensatas e muito justas, porque tudo isso que se disse serviu para mostrar, que uma questão de arte tem ainda o prestigio bastante para obrigar a imprensa, o publico, a opinião a occupar-se d'ella.

Costuma-se dizer que quem conta um conto accrescenta um ponto.

N'esta questão do theatro de D. Maria accrescentaram-se muitos pontos, fizeram-se muitos cavalleiros d'um simples argueiro, transformou-se tudo, embrulhou-se tudo, inventaram-se historias d'odios, de vinganças, de rancores onde não havia nada d'isso, fez-se uma poeirada de tal ordem, tão grande, tão densa, que por fim já ninguem se entendia, já se tinha perdido o ponto inicial da questão, inicial e final e unico, porque a verdade é que aquelles que levantaram a questão nunca trataram senão d'esse ponto, nunca pensaram n'outra coisa. Vamos historiar rapidamente os factos como se passaram, com toda sua singeleza e verdade.

Em 28 de janeiro ultimo publicou-se pelo Ministerio da Instrucção Publica de que geria interinamente a pasta o sr. conselheiro José Dias Ferreira, illustre presidente do conselho e ministro do reino, um decreto creando uma commissão de 20 membros, encarregada de elaborar um projecto de codigo dos theatros e de *propôr ao governo todas as medidas que reputasse conveniente para o engrandecimento da arte dramatica nacional.*

Entre os considerandos que n'esse decreto precediam a creação da commissão figurava este que reproduzimos textualmente:

«Considerando que a experiencia tem demonstrado que *a actual maneira de explorar o theatro de D Maria II*, pertencente ao estado, *não é a mais idonea para o explendor da arte nacional* a despeito do valor individual e dos esforços dos artistas que constituem a actual empreza arrendataria».

Ora em 28 de janeiro o theatro de D. Maria pertencia ainda á empreza a quem fôra adjudicado até ao anno de 1895, senão nos enganamos, e era claro que embora a commissão nomeada propozesse ao governo as medidas mais brilhantes e efficazes para o engrandecimento do theatro de D. Maria essas medidas só poderiam ser postas em pratica d'aqui a tres annos, quando terminasse o praso pelo qual o theatro tinha sido dado á empreza exploradora. Em vista d'isto, com referencia ás medidas que melhorassem a maneira de explorar o theatro de D. Maria era extemporanea a creação da commissão mas deixou de o ser d'ali a tres mezes, quando dissolvendo-se amigavelmente a sociedade empresaria daquelle theatro elle foi por ella entregue ao governo.

Então é que era o momento, parece-nos, do governo convocar a commissão, e consultal-a ácerca do que havia de fazer ao theatro de D Maria, visto o governo entender que a maneira por que elle era explorado não era a mais idonea para o esplendor da arte nacional, a despeito do valor individual e dos esforços dos artistas que constituiam a empresa que largava o theatro.

Pois não se fez nada d'isso, e o governo poz o theatro de D. Maria a concurso, com o mesmo programma d'adjudicação, o tal que o governo considerava não ser o mais idoneo para o esplendor da arte nacional.

Ao concurso como dissemos na nossa ultima chronica, concorreu apenas a firma Brazão Rozas & C.ª, mas a sua proposta alterando as condições do programma é claro que não podia ser acceite.

O governo não a acceitou, e abriu novo concurso modificando o programma, que o proprio governo era o primeiro a reconhecer não ser o mais idoneo para o esplendor da arte nacional, e para reformar o qual nomeara uma commissão e modificando-o no sentido de favorecer os interesses da empreza que tomasse o theatro com prejuizo dos interesses dos auctores dramaticos e da arte nacional, pois nos programmas anteriores as emprezas só eram desobrigadas de pôr peças

DELPHIM DE ALMEIDA — DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS.

FALLECIDO EM 29 DE JULHO DE 1892

(Segundo photographia de Fritz)

originaes de grande espectaculo e pelo actual era desobrigado de pôr peças originaes de grande espectaculo e tambem as chamadas de *guarda roupa*.

Foi esta nova clausula que levantou toda a questão como aliás previramos na nossa ultima chronica.

Não se comprehendia muito bem que o governo tendo reconhecido que a maneira de explorar o theatro de D. Maria não era a mais idonea para o esplendor da arte nacional, e tendo nomeado uma commissão especial para estudar e propôr a maneira melhor de o explorar, não recorresse a essa commissão apenas o theatro de D. Maria lhe foi entregue e o puzesse a concurso, o desse á exploração pela mesma maneira que elle achou não ser a mais idonea, mas o que não se podia comprehender de maneira alguma, é que fosse dal o á exploração com um programma peior do que aquelle que elle já reconhecia ser mau e queria que fosse reformado.

A condição de *peças de guarda roupa* foi a pedra de escandalo e com muita rasão porque se presta aos maiores abusos que uma empreza queira praticar.

Desde o momento que uma peça não seja da actualidade, ou mesmo sendo-o metta muitos personagens, ou até mesmo um só, que não vista o fato civil, commum, o fato que o actor é obrigado a vestir á sua custa essa peça é peça de guarda roupa, e bastaria um lacaio de farda n'uma peça para a empreza se achar desobrigada de a pôr.

Os auctores dramaticos insurgiram-se contra essa condição nova, que vinha limitar o campo da sua producção e reuniram-se para representar ao governo contra essa condição.

Note-se que ao tempo não era do dominio do publico que essa condição tinha sido pedida ao governo pela firma Brazão Rosas & C.ª na sua proposta ao concurso anterior, e que portanto não podia haver da parte dos auctores, protestando contra essa nova clausula, má vontade ou opposição áquella sociedade emprezaria.

A má vontade e muito justa, a opposição, opposição muito bem fundamentada, era apenas contra essa clausula, e os auctores dramaticos reunidos na noute de 2 do corrente nas salas das *Novidades*, depois de larga discussão, votaram, quasi por unanimidade, com um voto contra apenas, representar ao governo, pedindo que fosse consultada para a elaboração do programma do concurso do theatro de D. Maria a commissão pelo mesmo governo nomeada para tratar das questões theatraes, visto que como muito bem o proprio governo reconhecera em 28 de janeiro ultimo, ao crear essa commissão, a maneira de explorar o theatro de D. Maria não era a mais idonea para o esplendor da arte nacional.

Depois de votada esta representação o meu querido amigo e glorioso dramaturgo, o sr. Fernando Caldeira, participou á assembléa, que n'aquelle momento acabára de receber uma carta do illustre actor Augusto Rosa communicando lhe que a firma Brazão Rozas & C.ª desistira de concorrer á adjudicação do theatro de D. Maria. É claro que esta noticia tão inesperada produziu sensação profunda em todos que assistiam á reunião, mas é claro tambem que a assembléa não podia tomar conta d'ella, pois não fôra para tratar de emprezas que os auctores dramaticos e os criticos theatraes ali se tinham reunido; mas sim e unicamente para tratar das disposições novas do programma que pareciam ameaçar os interesses dos auctores dramaticos e da arte nacional.

Votos de sentimento pela resolução inesperada e até então injustificada da empreza, que se sabia ser um dos concorrentes a adjudicação, votos de louvor pelos serviços por antiga empreza de D. Maria prestados á arte e á litteratura dramatica, podiam ser muito justos e muito merecidos, e com certeza que o eram, mas não tinham ali cabimento algum, pois não fôra para criticar emprezas theatraes que aquella assembléa se reunira.

Os auctores dramaticos, assignada a sua representação ao governo contra algumas das condições do programma, trataram de nomear uma commissão para formular as bases d'uma liga de auctores e a sessão encerrou-se.

No dia immediato o actor Augusto Rosa publicou nos jornaes a carta que dirigira a Fernando Caldeira e essa carta explicava os motivos da resolução inesperada de abandonarem o concurso da adjudicação do theatro de D. Maria.

Esses motivos eram o ter a empreza Brazão Rosas & C.ª visto na convocação dos auctores dramaticos uma demonstração de hostilidade para com ella e o sr. Augusto Rosa terminava a sua carta dizendo que, sem protecções do governo, em concorrencia com os circos e as operetas, e não tendo por seu lado a protecção e sympathia dos auctores dramaticos e da critica, a empreza resolvera desistir de concorrer ao theatro de D. Maria.

Evidentemente, como se vê, havia em tudo isto um mal entendido. Os auctores dramaticos reunindo-se para tratar dos seus interesses não pensaram de modo nenhum em practicar um acto de hostilidade contra a empreza do theatro de D. Maria; a sua hostilidade era apenas ao programma do concurso e a prova foi que n'essa reunião não houve uma unica prosposta que fosse hostil a qualquer empreza; apenas se tratou do programma e só do programma.

Era claro que ninguem que tivesse um bocado de criterio artistico e que pensasse a serio nos interesses da arte dramatica nacional, imaginaria nunca, para melhor os interesses d'essa arte, afastar do primeiro theatro do paiz os artistas illustres que são os seus mais brilhantes cultores, como Brazão, João e Augusto Rosa, Ferreira da Silva, Rosa Damasceno e Virginia. Com elles no theatro é possivel com certeza organisar as coisas de modo, que a arte tenha mais a lucrar, pois é evidente que a maneira actual de explorar o theatro de D. Maria, está muito longe de ser perfeita, mas o que não é menos evidente é que sem esses primeiros artistas no theatro, a melhor organisação theorica, teria durante muitos annos, emquanto não formassem artistas da cathegoria d'esses, de dar na practica os mais desoladores resultados.

Um theatro muito bem administrado, com muito bom reportorio e sem bons actores será tão improductivo para a arte como um theatro com bons actores, mas com más peças e má administração.

As peças e os artistas são a materia prima de todo o theatro, com más peças não ha bons artistas que salvem uma empreza, como tambem com maus artistas não ha peças boas que as salvem.

Os auctores dramaticos e os actores não podem deixar de caminhar juntos para chegarem ao fim desejado.

Felizmente uns e outros comprehenderam isto, o mal entendido desmanchou-se.

O auctores dramaticos, mantendo a sua representação ao governo contra o programma do concurso, fizeram saber á empreza Brazão Rosas & C.ª que nenhuma hostilidade os movia contra ella, que tinham pelo talento notavel dos artistas illustres que a compõe, a mais sincera estima e sympathia, e que consideravam a sua sahida do theatro de D Maria como um verdadeiro desastre para a arte nacional, a empreza Brazão, Rosas & C.ª, comprehendendo em vista d'esta manifestação de sympathia, que não tinha razão de ser a sua desistencia do concurso, e que os motivos que a tinham provocado não existiam, reconsiderou como o bem da arte o exigia e os auctores dramaticos lhe tinham mostrado desejos, e foi ao concurso.

Tout est bien qui finit.

E nós folgamos sinceramente com esta resolução da questão theatral, porque, como temos affirmado sempre, nas nossas chronicas, temos pelo talento brilhante dos artistas do theatro de D. Maria o mais sincero enthusiasmo, liga-nos a muitos d'elles, de ha longos annos, a mais estreita estima e amisade, e embora reconheçamos, como aqui mais d'uma vez temos dito, que a administração do theatro de D. Maria não tem sido impeccavel, como aliás nada ha impeccavel n'este mundo, reconhecemos tambem que essa empreza durante os seus 12 annos de administração tem resgatado os peccados que embora tenha commettido pelos relevantissimos serviços prestados á arte, pelo estimulo que tem dado á litteratura dramatica portugueza e pela arte primorosa com que nos tem apresentado no seu palco essas obras primas, que se chamam *Affonso VI, Duque de Vizeu, Loenor Telles, Intimo* e *Madrugada*.

Gervasio Lobato.

DELPHIM DE ALMEIDA

I

A 14 de setembro de 1871 á noite reunia na vasta sala do Conselho de Estado, no ministerio do reino a maioria regeneradora do ministerio nomeado na vespera. Fontes Pereira de Mello acolhia com aquella fina e altiva graça que lhe era habitual os seus partidarios alegrissimos com um triumpho, em grande parte ou antes quasi exclusivamente devido ao prestigio e á habilidade do eminente politico. Ao seu lado o novo ministro do reino Antonio Rodrigues Sampaio mostrava-se bonacheirão e risonho apimentando com algumas citações latinas a narrativa do mallogro das *machinações insidiosas* dos progressistas historicos. João de Andrade Corvo, com a sua voz de falsete, já com o seu ar de amavel e desdenhoso scepticismo, commentava a historia contada por Antonio Cardoso Avelino, o novo ministro das obras publicas, de physionomia fingidamente ingenua, ácerca do modo como elle recebêra a noticia de ter sido chamado ao ministerio. Comia traquillamente leitão assado em casa do seu sogro, quando o surprehenderam com essa noticia fulminante.

—Vão ter consumo os leitões, observou Andrade Corvo, logo que se saiba que é esse o caminho do poder.

No meio de um grupo de deputados mais devotadamente partidarios, Barjona de Freitas, ministro da justiça, contava como de costume, alguma anedocta picante, e, ao lado d'elle, preocupado já com as inquietações do seu cargo, perorando com a admiravel facundia que o caracterisa, sacudindo com um gesto familiar a sua ampla cabelleira, Jayme Moniz, ministro da marinha, recebia, distribuindo sorrisos e apertos de mão, as felicitações com que saudavam a sua entrada no ministerio os muitos que admiravam o raro talento do eloquente orador, que pouco antes alcançára um triumpho no fôro pela brilhante defeza de Vieira de Castro.

O auctor d'estas linhas fôra, n'esse mesmo dia na camara, convidado por Antonio Rodrigues Sampaio para o substituir na redacção da *Revolução de Septembro*. N'essa noite Sampaio aproximou-se d'elle, e disse-lhe:

—Vou lhe dar um companheiro para poder alternar comsigo na redacção. *Amant alterna Camenæ*. E' o Delphim de Almeida. Conhece-o?

— Um pouco de nome.

— Pois vai conhecel-o pessoalmente. Está aqui no meu gabinete.

Entrámos. Sentado na cadeira do ministro, escrevendo com uma lettra microscopica o seu primeiro artigo estava um rapaz de 34 para 35 annos, que se levantou ao vêr nos. Era de estatura mediana, magro, elegante, pallido o mais que se pode ser, risonho, amabilissimo. Fizeram-se as apresentações, e Sampaio deixou-nos sós. Delphim de Almeida leu-me o artigo que acabava de escrever, e, emquanto a voz de Fontes Pereira de Mello, vibrante, varonil, se fazia ouvir na sala proxima, congratulando-se com os seus amigos pelo seu regresso ao poder ao cabo de uma proscripção de quasi cinco annos, apertavam-se entre os dois collabaradores os laços de uma vivissima amizade, que só vinte annos depois poude quebrar a mão implacavel da morte.

II

No dia seguinte tomavamos posse da redacção da *Revolução de Septembro*, e d'ahi a dois ou tres dias pedi eu a Rodrigues Sampaio que me consentisse levar para o jornal um amigo meu Cunha Bellem. Assim se fez; e uma noite conversavamos todos tres alegremente no pequeno cubiculo da redacção da *Revolução de Septembro* quando se desenhou no limiar da porta a alta e grossa figura de Rodrigues Sampaio. Vinha assistir aos trabalhos dos seus successores, que elle seguiu sempre com uma sorridente indulgencia, animando-os e aconselhando-os.

Delphim de Almeida pouco se demorou na redacção, mas emquanto esteve, prestou-lhe os mais relevantes serviços. Não gostava de polemicas quotidianas, que hoje, e ainda mais então, alimentavam constantemente o jornalismo portuguez, mas, profundamente conhecedor das questões economicas e financeiras, tratava as com uma superioridade notavel, e os seus artigos por conseguinte eram verdadeiramente substanciosos. Annos depois, incidentes da minha vida politica me obrigaram tambem a abandonar a *Revolução*. Delphim de Almeida seguiu-me, e ambos fundámos a *Discussão*, que depois tomou o nome de *Diario da Manhã*, substituido agora pelo *Correio da Manhã*. Aconteceu-lhe alli o mesmo que lhe acontecera na *Revolução de Septembro*. A polemica não lhe sorria mas em assumptos economicos e financeiros manifestou cada vez mais uma superioridade incontestavel. Uma serie de artigos, que alli publicou ácerca dos caminhos de ferro considerados debaixo do ponto de vista economico, chamou a attenção de todos os especialistas surprehendidos pela largueza de vistas, pelo profundo conhecimento de factos que o auctor do artigo manifestou. E comtudo o assumpto era completamente novo para Delphim de Almeida, mas as suas raras faculdades de trabalho, o escrupulo meticuloso com que tractava todas as questões, profundando-as intrepidamente, a vivissima intel-

ligencia que lhe fazia comprehender tudo de relance, e a lucidez da sua exposição davam á sua obra um relevo excepcional, e faziam com que a estreia n'esse assumpto especialissimo fosse logo uma obra da mão de mestre.

Tambem pouco tempo se demorou no *Diario da Manhã*. Chamavam-lhe a attenção novos trabalhos, novas preoccupações. Era esse o defeito capital do seu espirito verdadeiramente grande, que nunca pôde dar a sua medida, porque nunca pôde completar uma obra que iniciasse. Assim accumulou, quasi em pura perda, montes e montes de apontamentos, fructo da mais aturada leitura, das investigações mais laboriosas. Os que o conheceram intimamente, os que o trataram, os que poderam apanhar na sua conversação o bando de idéas originaes, profundas, grandiosas, que na sua mente adejavam, é que podem saber o que valia aquella primorosa e robustissima intelligencia.

III

Delphim de Almeida nascera em Braga. Não posso apresentar aqui a data positiva do seu nascimento, porque está ainda bastante fresca a terra da sua sepultura para que eu possa ir pedir estes dados á sua viuva em lagrimas, á sua filha inconsolavel; mas o seu nascimento não é de certo anterior a 1836, e, se foi posterior, pouco o será. Contava elle muitas vezes com uma graça inexcedivel episodios da sua adolescencia, dos seus estudos em Braga, da sua convivencia com o seu condiscipulo Fernando Castiço, um finissimo espirito roubado cedo de mais ás lettras portuguezas, o seu tracto com aquelle doce velho, amigo de Garret que foi bibliothecario em Braga, Rodrigues de Abreu, que elle escutava com a avida curiosidade de um amador das boas lettras, de um admirador dos grandes poetas. Como foi porém que Delphim de Almeida, litterato apaixonado, collaborador effectivo de um jornal de estudantes que se publicou em Braga, e que se denominou, como era de rigor, ahi em 1854 ou 1855, o *Murmurio*, como é que elle nos sae de repente um financeiro, um economista, um folheador de Contas do Estado e de orçamentos, e de estatisticas, um analysta das pautas?

De um modo muito simples. Delphim de Almeida, por influencia dos seus amigos, ou da sua familia, obtivera um pequeno emprego na Alfandega. Teve, por dever de officio, de folhear a legislação. Aquelle amor apaixonado do estudo, aquella curiosidade inexcedivel que eram as qualidades caracteristicas do seu espirito, levaram-n'o a profundar esses assumptos. Dentro em pouco tempo conhecia-os melhor do que os seus superiores, a começar no director da alfandega minuscula de Villa do Conde e a acabar no director geral das alfandegas. Por isso não admira que um folheto que publicou intitulado a *Pauta das Alfandegas* causasse geral surpreza. Já tive occasião de contar que Carlos Bento ministro da fazenda, sem conhecer o auctor, e sem ter que satisfazer o mais leve empenho, ao ler a *Pauta das Alfandegas*, nomeou o obscuro empregado que a escrevêra membro do Conselho Geral das Alfandegas. Isto não era bem comtudo dar o bastão de marechal a um simples sargento, era dar-lhe a grã cruz da Torre e Espada, honra mais gloriosa que proveitosa. Os membros do Concelho Geral das Alfandegas, tomados, em geral, nas mais altas cathegorias aduaneiras, recebiam umas pequenas gratificações. Delphim de Almeida, continuando a vencer como empregado inferior, tinha comtudo as honras e a gratificação de funccionario de primeira classe.

O favor, apesar do brilho que tinha, no fundo era magro.

Por alguns annos continuou Delphim de Almeida a estudar affincadamente assumptos economicos e financeiros. O seu livro *O imposto em Portugal* e o folheto *Da administração financeira em materia de imposto* são verdadeiros monumentos de trabalho e de erudição, accrescendo que este ultimo revela tambem um altissimo senso pratico. Mas o que lhe rendia isso? Um aperto de mão de Antonio de Serpa, enthusiasmado com as aptidões financeiras de um homem de quem sempre foi amigo, cartas de uns e de outros, e muitos testemunhos de consideração. Para a lucta da vida continuou a ter apenas as armas com que a principiara. As direcções geraes, as inspecções, eram para aquelles que tomavam esses serviços mais fartamente remunerados com o mesmo fim com que o Fritz da *Grã Duqueza* pedia o logar de mestre de instrucção primaria, para aprender.

(Continúa).

Pinheiro Chagas.

OITO DIAS NO ALEMTEJO

NOTAS DE VIAGEM

VII

(Continuado do n.º antecedente)

A elegante sala do theatro Portalegrense estava ornamentada com simplicidade mas com muito bom gosto e o sarau musical, litterario e dramatico, foi excellente, muito melhor do que se podia esperar, d'uma terra de provincia onde não se encontram elementos abundantes para festas d'este genero; muito melhor do que alguns saraus a que temos assistido em Lisboa. O programma fôra intellegentemente organisado; — o que deve ser um programma d'estas festas, pequeno, variado e bem destribuido.

Começou por uma deliciosa poesia do sr. Costa Santos, um rapaz modestissimo que tivemos o prazer de conhecer e que é um poeta de raça.

O sr. Costa Santos exerce em Portalegre o logar de delegado do ministerio publico e nos ocios dos seus trabalhos officiaes faz versos e versos magnificos, como os do seu poemeto *D. Diniz*, como os do livro que tem agora no prélo e de que o *Correio da Manhã* tem dado algumas amostras, como os que abriram esse sarau litterario e que Caldeira Rebollo recitou excellentemente, com um grande colorido, que lhes fez valer todas as bellezas, com a arte primorosa e distincta d'um magnifico recitador.

Aos versos de Costa Santos seguiu-se a *Estudantina*, organisada entre artistas e amadores de Portalegre pelo sr. Gloria Reis, o distincto mestre da banda de infanteria 22 e que na cidade é professor de musica e de canto, e professor dos melhores. A estudantina executou tres numeros — um ordinario hespanhol, a *Jota portugueza* do sr. Gloria Reis, e o *Burro do sr. Alcaide*, sendo calorosamente applaudida.

A segunda parte do sarau, constou d'uma fantasia do *Carnaval de Veneza*, executada brilhantemente ao piano pela sr.ª D. Emilia Costa, da scena comica *José do Capote*, representada com graça por um distincto curioso dramatico, muito conhecido e estimado em Portalegre, o sr. Mendes Gil, e d'um treceto de piano, flauta e violino, *Flôr dos Alpes*, composição felicissima do sr. Gloria Reis e excellentemente executada pela sr.ª D. Emilia Costa, e pelos srs. Ferreira e Prat, o illustre professor de desenho da escola industrial e que não é só um professor habilissimo, e um pintor distincto, é tambem um rabequista de primeira ordem.

A terceira parte começou por uma romanza *Viver senza di te*, cantada com muito sentimento artistico pela sr.ª D. Maria Amalia Perdigão Rosa, esposa gentilissima do sr. José Maria Rosa, e que possue uma voz de pequeno volume mas de bello timbre e muito afinada.

Seguiu-se a *Ave Maria* de Gounod, executada no violino pelo sr. Prat, que mais uma vez evidenciou as suas bellas aptidões artisticas e fechou a brilhante festa a farça *O Hollandez*, desempenhada por alguns dos mais distinctos curiosos dramaticos de Portalegre, farça antiga, já um pouco fóra do gosto do publico mas que ainda assim arrancou algumas gargalhadas.

E assim terminou o sarau, que me deixou encantado pela sua primorosa execução e penhoradissimo pela gentilissima amabilidade com que me foi dedicado, sarau que levou ao thaatro de Portalegre tudo o que ha de mais distincto e elegante na formosa cidade alemtejana.

VIII

No dia immediato passei o dia fazendo as minhas visitas de despedida a todas as pessoas que na minha curta estada em Portalegre tanto me tinham obsequiado e a quem tantas provas de estima e de consideração fiquei devendo. N'uma d'essas visitas tive a boa fortuna de ver uma obra d'arte importante, um quadro de grandes dimensões, que o sr. Prat estava terminando e que naturalmente será apreciado pelo publico de Lisboa na proxima exposição de bellas-artes.

O quadro é uma paisagem, representa um vasto campo de trigo e no primeiro plano uma camponia desfolhando uma margarida.

Temos dito muitas vezes e mais uma vez repetimos com toda a franqueza, que não entendemos nada de pintura e por isso o nosso voto nenhum valor tem. Deante d'um quadro temos apenas a nossa impressão pessoal. Podemos dizer que gostamos ou não gostamos, sem que isso influa inteiramente nada no valor do quadro. A impressão que nos produziu a tela do sr. Prat foi excellente. A figura da mulher tem vida, tem realidade, a *pose* pareceu-nos naturalissima, despretenciosa, dir-se-ia apanhada em flagrante por uma machina photographica instantanea. Bella perspectiva, um carreirinho por entre os trigaes que se vê seguir por ali fóra até se perder ao longe.

Pode ser que o quadro do sr. Port tenha muitos defeitos para os entendidos, o que não quero crêr, porque o sr. Prat é um mestre, mas o que eu posso afiançar é que me agradou extraordinariamente, me pareceu um trabalho de grande valor artistico. Esse dia foi o ultimo que passamos em Portalegre.

Ao jantar despedi-me saudoso dos meus bons companheiros de mesa, do dr. Pimenta e do seu amigo, o escrivão de fazenda a quem já me referi e que tão excellente companhia me fizeram, e dos meus dois visinhos do lado, dois abalisados professores do Lyceu, o dr. Moraes, um padre intelligentissimo que ensina phylosophia, e o sr. Martins, professor de inglez, e cavalheiro distinctissimo.

A' noite era a primeira representação do *Commissario de Policia* pelos distinctos curiosos de Portalegre, e essa primeira representação deixou-me perfeitamente surprehendido e maravilhado.

E' claro que mentiria se dissesse que o desempenho que a peça teve fora superior ou egual ao que tivera em Lisboa pelos primeiros artistas do Gymnasio, que são em Portugal os primeiros no seu genero, mas a verdade é que a execução do *Commissario de Policia*, muito correcta por parte de todos, foi distinctissima por parte de alguns que concorreram brilhantemente para o grande exito que a peça alcançou e que conquistaram com muita justiça os applausos enthusiasticos com que o publico coroou o seu trabalho.

Não queremos fazer destincções, mas seria d'uma flagrante injustiça não destacar dos melhores interpretes do *Commissario* o que fez o papel de Conselheiro, o sr. Manuel Torres, que é o curioso dramatico mais distincto que eu tenho encontrado na minha já longa perigrinação por theatros particulares.

Manuel Torres é um rapaz muito novo ainda, empregado nos telegraphos mas a quem uma vocação irresistivel impelle para a scena.

Em Portalegre e em Elvas tem representado com grande successo papeis comicos importantes, como o rei da *Mascotte*, o rei Bobeche do *Barba Azul*, etc.

Do Conselheiro do *Commissario de Policia*, que elle nunca vira representar em Lisboa, fez uma bella creação comica, cheia de *verve*, de bom humor, e, ou eu me engano muito ou está ali um actor comico de primeira ordem, um actor no genero do pobre e grande Ribeiro, um actor que ainda hade occupar logar brilhante no nosso theatro, e espero muito breve vêr se me engano ou não

O papel de *Commissario* foi feito pelo sr. engenheiro Dias, um homem muito intelligente muito illustrado, director das Obras Publicas do Districto e que tem pelo theatro uma verdadeira paixão.

O sr. Dias porém tem um defeito de pronuncia que ao principio impressiona desagradavelmente.

Confesso que quando o vi pela primeira vez no ensaio me cahiu a alma aos pés.

— Está enganado, disseram-me, este homem tem muita graça e agrada muito ao publico que já está habituado ao seu defeito.

E d'ali a nada vi que era assim, porque eu proprio me costumara á sua maneira de fallar e começava a gostar d'elle e a achar-lhe graça e imprevisto.

No *Commissario* houve mais dois papeis de homem feitos excellentemente, o do caseiro Bernardo, e o do Melchior, o que não quer dizer que fossem menos correctos os outros.

Das mulheres, actrizes de profissão, porque apesar de não haver nem em Portalegre nem em Elvas nenhuma companhia artistica, o amor pelo theatro é tanto e as recitas repetem se tanto a miudo que ha actrizes que vivem unicamente do que os curiosos lhes pagam para essas recitas, havia uma que tinha realmente geito, a que fazia o papel em Lisboa desempenhado pela illustre actriz Barbara.

As outras não desmancharam.

A peça teve um acolhimento enthusiastico que me encheu de jubilo: o publico de Portalegre, os artistas e os jornalistas foram para mim d'uma gentileza enorme, fazendo-me uma verdadeira festa d'essa representação do *Commissario* e acompanhando-me no fim do espectaculo ao hotel no meio de ovações que só se explicam pela extrema amabilidade e pelo espirito hospitaleiro de todos aquellas bons amigos que me deixaram profundamente captivado com as suas distincções e que fizeram com que na minha rapida passagem por Portalegre nunca mais se apague da minha memoria, e tome lugar entre as mais gratas e saudosas recordações da minha vida.

IX

No dia immediato de manhã sahi de Portalegre para Castello de Vide, mas não quero fechar as notas da minha estada na grande cidade do Alemtejo, sem prestar a homenagem do meu reconhecimento pelas amabilidades sem conto que recebi do sr. José Maria Rosa, o director do Montepio Operario e Artistico Portalegrense, da minha admiração pelos extraordinarios dotes de actividade, de tenacidade, de firmeza que o caracterisam.

José Maria Rosa é muito novo ainda, tem apenas 27 annos.

É um rapaz magro, d'estatura regular, branco, de cabellos muito louros, typo nada peninsular, a não ser nos olhos escuros, muito vivos, muito brilhantes.

Nasceu em Portalegre em 20 de junho de 1865. Seu pae chama-se Augusto Cesar da Rosa e sua mãe Maria José d'Assumpção Cardoso Rosa. Fez exame de instrucção primaria muito novo e aos 12 annos e meio entrou para praticante da pharmacia de seu tio Alvaro da Rosa.

Começou ahi e em verdes annos, a sua odyssea de protector dos desventurados, pois achando-se gravemente enfermo um operario, sem meios para fazer a viagem que os medicos lhe aconselhavam e onde estava a sua salvação, Rosa abriu uma subscripção, andou com o operario a esmolar de porta em porta e lá lhe arranjou dinheiro para o homem fazer a sua viagem e ir buscar a saude e a vida.

Matriculado no lyceu José Maria Rosa foi o primeiro classificado na aula de introducção e mostrou grande vocação para a mathematica, fazendo um bello curso e servindo durante elle de explicador, de mestre, aos seus condiscipulos.

Em 1884 tendo 19 annos partiu para Lisboa e aqui esteve de praticante na pharmacia Pratas da Rua de S. Bento, e na dos Azevedos no Rocio. Mas em Lisboa Rosa adoeceu gravemente e teve que recolher á sua terra.

JOSÉ MARIA ROSA — Promotor da Exposição de Portalegre

(Segundo photographia de J. Henriquez Mimoso)

Pouco depois veio o medo do cholera, que andava por perto, quasi pela fronteira hespanhola e o sr. conselheiro Perestrello governador civil de Portalegre, ao tempo, mandou Rosa em commissão a Marvão onde estavam doentes, sem soccorros, sem medicos, muitos soldados do cordão sanitario.

Apesar de doente José Maria Rosa acceitou a comissão, e foram relevantes os serviços que ahi fez, servindo ao mesmo tempo de boticario, de medico, de enfermeiro não só os soldados do cordão sanitario, como tambem aos habitantes da villa de Marvão e servindo alem d'isso de amanuense ao governador da Praça, a quem as cataratas não deixavam trabalhar e de quem elle foi ajudante disvellado e desinteressadissimo.

Foi por esse tempo que José Maria Rosa organisou uns estatutos para a phylarmonica da terra e deu-lhe grande desenvolvimento.

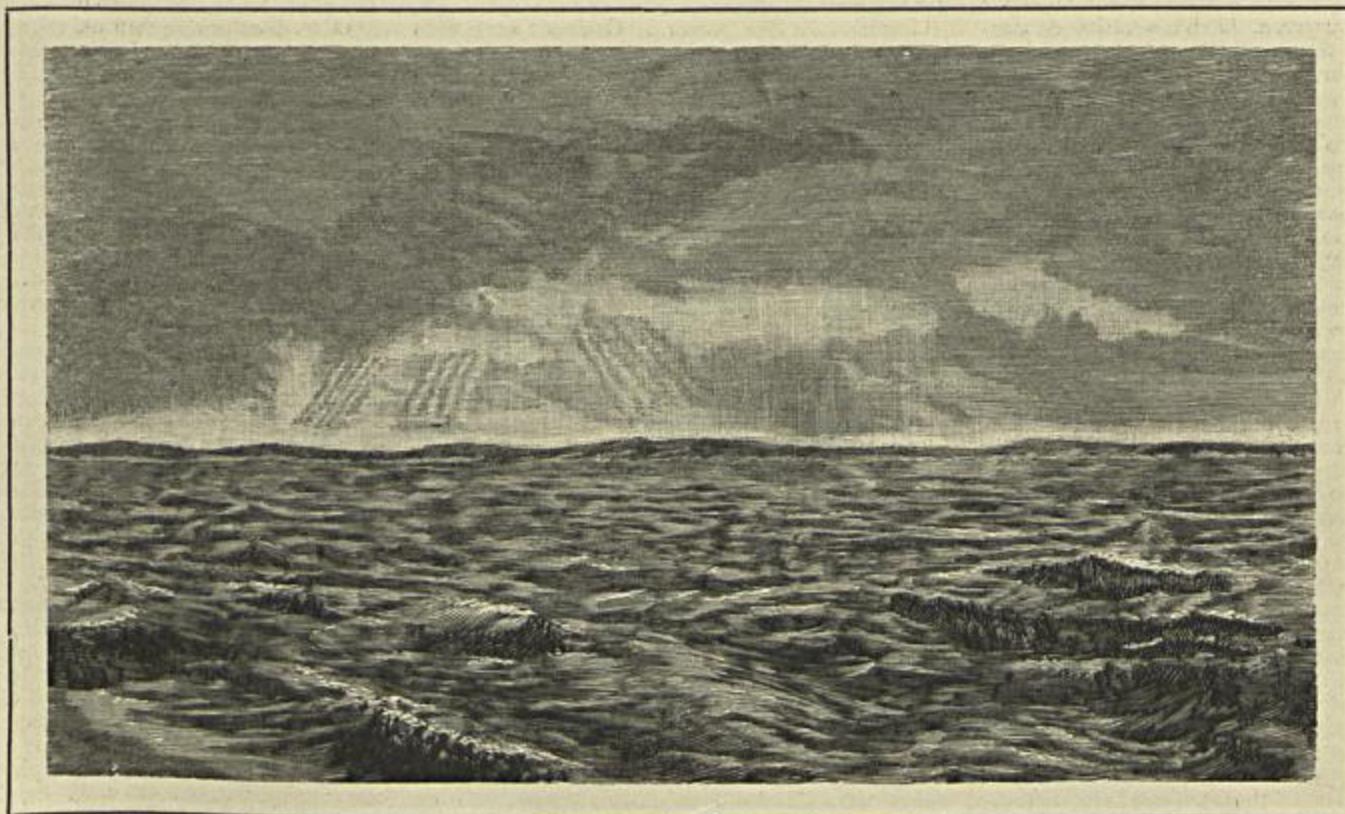
Em 1886 foi a Coimbra fazer exame de pharmacia, exame em que ficou approvado plenamente, sendo recebido com grandes festas pelos amigos no seu regresso a Portalegre, onde estabeleceu a sua pharmacia e drogaria, que ainda hoje lá existem e que são das mais acreditadas da terra.

Um dia passou-lhe pela cabeça aprender musica. Aprendeu com o sr. Galiano, hoje mestre de caçadores 8, e aprendeu tão bem que dentro em pouco escrevia um volume de rudimentos de musica com anotações suas.

E mettido em musica não se contentou em tocar flauta, rabeca e rabecão, deitou-se logo a compositor e algumas das suas obras musicaes ainda hoje se encontram nas bandas regimentaes de Portalegre.

Entrando para socio do Montepio Operario Portalegrense, tornou-se logo a alma d'esse pio e humanitario estabelecimento, elevou-o á grande altura em que elle está hoje com a sua prodigiosa actividade, promovendo recitas, festas, rifas, espectaculos e fazendo em poucos mezes com que os fundos que eram 800 e tantos mil réis, quando entrou para o Montepio, subissem a 3 contos e trezentos.

Um dia lembrou-se de pedir para o Montepio a protecção de Sua Magestade a Rainha D. Amelia.

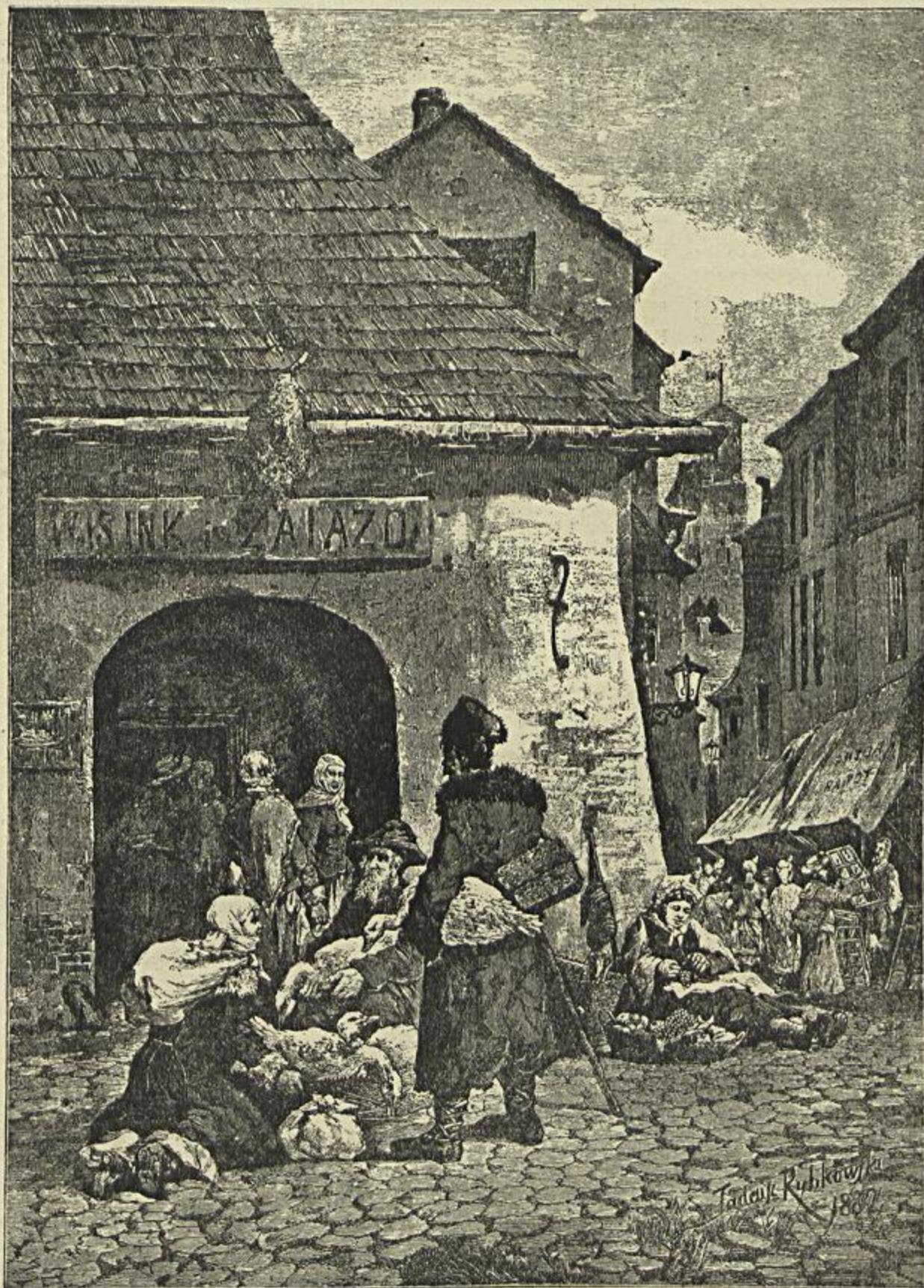
CENTENARIO DA DESCOBERTA DA AMERICA POR CHRISTOVÃO COLOMBO

ILHA DE WATLINGS, Primeira terra da America descoberta por Colombo

Vid. art. «Os Autographos de Christovão Colombo»

Metteu-se no comboyo e veio a Lisboa.

A Rainha estava em Cintra. Foi a Cintra e Sua Magestade recebeu-o com aquella doce bondade, com aquella angelica caridade com que está sempre prompta a proteger todos os infortunios, e acceitou gostosamente ser protectora do Montepio.

José Maria Rosa tem promovido por todos os tos, ao desanimo, que muitas vezes põe fóra da lucta os mais rudes combatentes, anda tratando de organsisar em Portalegre uma Bibliotheca, um Museu, um Albergue nocturno, e uma companhia para o estabelecimento d'um caminho de ferro de via reduzida da estação á cidade e da cidade a Estremoz.

aos pobres, aos desprotegidos, aos operarios, á sua terra, aos seus patricios, a todos menos a si, que dá tudo o que tem, que está pobre, que trabalha dia e noite para toda a gente menos para elle proprio, com uma abnegação, uma isenção que já não é do nosso tempo e que faz com que muita gente lhe chame doido.

GALITZIA — O MERCADO DA CIDADE

meios ao seu alcance o engrandecimento do Montepio e como já aqui contámos foi elle que sosinho levou a effeito a Exposição de Portalegre, essas festas que tanto lustre deram á cidade e que ao mesmo tempo augmentaram os haveres da humanitaria instituição.

Agora, José Maria Rosa, que não descança nunca, que vencida uma batalha se mette logo n'outra, incançavel, invulneravel a fadigas, aos despei-

Aquelle espirito excepcionalmente activo não pára nunca, apesar de encontrar sempre no caminho os espiritos ronceiros, vagarosos, peninsulares a quem essa actividade prodigiosa chega a assustar.

As difficuldades surgem-lhe a cada passo debaixo dos pés, mas elle não se importa com isso, vence-as, esmaga-as e lá continua intrepido o seu caminho, pensando sempre em fazer bem a alguem,

Será, será doido, mas santa doidice essa que reverte em favor dos pobres, dos humildes, dos desprotegidos, santa doidice essa que consolida um estabelecimento de primeira ordem como é o Montepio Operario Portalegrense, que realisa uma exposição como foi a exposição districtal de Portalegre, que não pensa senão no bem alheio com esquecimento absoluto d'essa theoria «a caridade bem ordenada principia por nós» que o

egoismo do nosso tempo arvorou em lemma de sua bandeira.

Publicando hoje no Occidente o retrato de José Maria Rosa, prestamos a homenagem da nossa estima e da nossa sympathia a esse rapaz que é hoje um cidadão prestante, e que ámanhã póde ser um benemerito.

(Continúa). *Gervasio Lobato.*

OS AUTOGRAPHOS DE CHRISTOVÃO COLOMBO

III

(Continuado do n.º antecedente)

Em uma recente obra de Henry Harrisse, que traz gravada por H. Zearing copia do retrato authentico do grande navegador, se falla detidamente dos papeis e outros valores da familia de Colombo. Diz Harisse que esses objectos se achavam guardados n'um cofre de ferro, junto ao seu jazigo, no mosteiro de Las Cuevas, perto de Sevilha.

Depois da trasladação dos restos mortaes do almirante para S. Domingos, pelos annos de 1537 a 1540, aquellas reliquias foram removidas para a custodia do convento dos Cartuxos, onde estiveram cerca de setenta annos.

Em 15 de maio de 1609 a maior parte dos papeis de Christovão Colombo foram remettidos a D. Nuno de Portugal, que um anno antes havia sido declarado pelo Conselho das Indias como o unico e absoluto herdeiro dos titulos de Colombo, estado e previlegios, etc.

No famoso Memorial de Pleyto existem muitas referencias a estes archivos e ali se falla em uma especie de inventario, tirado por dois tabelliães em 24 de julho de 1566, na presença de Pedro de Artiaga, ajudante do corregedor de Sevilha, que, por ordem do Concelho das Indias examinaram todos os papeis existentes no mortuario cofre de ferro.

Alguns outros papeis foram para os archivos dos duques de Berwich and Liria onde estiveram perto de dois seculos.

Em 1796 foram entregues ao avô do actual duque de Veragua e essa forma a principal collecção das cartas.

Outros documentos, entrando muitas das cartas de Colombo, ficaram em poder de Diogo seu filho e herdeiro, voltando algumas d'ellas para Nuno de Portugal pelo successor de Alonso de S. Martinho, tabellião de Diogo Colombo y Pavia quarto almirante das Indias e o ultimo directo descendente em linha de varonia do descobridor do Novo Mundo.

Porém se o primeiro Diogo, filho primogenito de Colombo e 2.º almirante, conservou aquellas cartas, o grosso dos papeis particulares de Colombo ficaram em poder de Fernando, (filho mais novo do grande navegador) que teve gosto particular em collecionar livros e autographos e que residiu em Sevilha na propriedade de seu pae vindo depois a escrever a historia do grande almirante.

No mosteiro de S. Paulo, onde viveu Las Casas, tambem existiram alguns autographos de Christovão Colombo, entre elles varias cartas incluindo a carta de Toscanelli (do qual adeante fallaremos mais detidamente) O facto é — diz espirituosamente Henry Harrisse — que n'aquelles tempos — *principalmente em Hespanha* — ninguem queria saber de autographos, e os manuscriptos do grande navegador particeparam do mau fado da livraria Colombina, sendo removidos para a cathedral de Sevilha onde ficaram semi apodrecidos e cheios de bolor!

É possivel que agora se trate de vez de colleccionar todos os documentos que dizem respeito á descoberta da America e se guardem cuidadosamente, em qualquer museu nacional, que provavelmente será na capital dos Estados Unidos da America do Norte, vindo esta a adquirir da Hespanha os que esta guarda nos seus archivos...

Se assim fôr abençoada exposição universal de Chicago e bemvindas sejam as homenagens que fizerem pelo centenario da descoberta do Novo Mundo ao grande e arrojado navegador, que tantos invejosos e inimigos teve na sua gloriosa carreira, n'essa carreira cheia de ironias, de motejos, de intrigas sordidas e mesquinhas, pela qual elle, o grande martyr da sciencia, deu á Hespanha novos e desconhecidos continentes replectos de riquezas enormes.

IV

Foram quatro as viagens de Christovão Colombo.

Na primeira sahiu elle da villa de Palos, porto de mar, onde armou tres caravellas, partindo no dia 3 de agosto de 1492 em direcção ás ilhas Canarias, seguindo d'ali sempre para Oeste, atravessando o oceano e descobrindo terra depois de setenta dias de viagem.

Foi na madrugada de sexta feira 12 de outubro de 1492 que a tripulação, quasi insubordinada, descobriu ao longe a *ilha de Watlings*, cuja prespectiva damos em gravura.

D'ahi Christovão Colombo seguiu pelas outras ilhas Lucayas, sendo Cuba a quinta ilha que elle descobriu julgando achar-se em terra firme.

Regressou á Hespanha em 15 de março de 1493 tendo gasto na viagem 225 dias.

A partida para a segunda viagem effectuou-se no dia 25 de setembro de 1493, sahindo Christovam Colombo do porto de Cadiz com tres navios grandes e quatorze caravellas, levando uns 1:500 homens.

Em 3 de outubro avistou terras do continente americano descobrindo n'essa viagem parte do archipelago das Antilhas, isto é, a Dominica, Guadalupe, Jamaica, Mariagalante, Puerto Rico, Monserrate e outras.

Depois de tão trabalhosa viagem entrou em Hespanha em 11 de junho de 1496 tendo recebido em lugar de agradecimentos e festejos as mais injustas invectivas e de responder ás accusações dos seus calumniadores e invejosos.

Dizem alguns historiadores que foi n'esta viagem que se descobriu na tripulação da frota os primeiros symptomas da vergonhosa doença que depois se alastrou com pasmosa rapidez por toda a Europa.

O que é certo é que da primeira viagem *(da ilha de Cuba)* veiu o uso do tabaco, que tantos rendimentos havia de dar aos cofres do estado em todas as nações da Europa.

Na terceira viagem sahiu Christovão Colombo de S. Lucar de Barrameda, em 30 de maio de 1498 com seis navios, tomando rumo diverso das duas primeiras, e avistando terras do novo continente em 31 de julho.

N'esta viagem descobriu elle as pequenas Antilhas, o golfo de Paria e fundou o estabelecimento de S. Domingos.

Dizia elle que por ali perto devia estar o *Paraiso terreal*, e que em breve o descobriria. Não o encontrou, mas descobriu a ilha da Trindade e o Haiti e foi explorando terras desde o Orenoque até Caracas.

Só então é que conheceu que estava em terra firme e que se havia enganado nas suas antecedentes viagens, suppondo terra firme o que era apenas uma ou outra grande ilha.

Finalmente na sua quarta viagem partiu elle de Cadiz com quatro navios em 11 de maio de 1502 seguindo rumo até á grande ilha de S. Domingos, Guanajara, rio de Veragua, cabo *Grocias a Dios*, Martinica, enseada de Porto Bello, Costa Rica e Honduras, regressando por fim á Hespanha em 7 de novembro de 1505.

Segundo um curioso livro que temos presente, intitulado *Hand Book of the American Republics*, recentemente publicado em Washington, Christovão Colombo foi natural de Cogerio, perto de Genova, nascendo cerca do anno de 1435. A *Bibliographie Universel*, onde vem um extenso artigo sobre o grande navegador genovez, diz que elle morreu no dia d'Ascenção, 20 de maio de 1506, sendo as suas ultimas palavras as de Jesus Christo: *Senhor, em vossas mãos entrego a minha alma.* Este grande homem a quem a Hespanha deveu a sua gloria morreu cheio de desgostos ao ver que ella lhe pagava com a mais feia ingratidão o terlhe dado um mundo novo, arriscando mil vezes por ella a sua vida e affrontando com o maior denodo, com a mais extraordinaria teimosia e coragem inaudita, todos os perigos na traversia d'um oceano nunca navegado, atravez do qual só se via o cahos... a morte!

Nas luctas que Christovão Colombo teve de sustentar contra a ignorancia e a zombaria, contra a superstição e o fanatismo, contra a inveja e a ingratidão, foi elle mais do que um heroe: — foi um santo.

A biographia d'este grande genio enthusiasma e commove, é ella um estimulo e serve de ensinamento a todos os que teem a peito o fazer bem á humanidade, embora sejam os martyres do dever, e se vejam esbulhados dos seus direitos, privados de todas as suas regalias, e até carregados de ferros dentro d'uma prisão!...

(Continua). *Silva Pereira.*

ILHA TERCEIRA

FURNA DO PICO DA CRUZ

Meu caro Caetano Alberto.

Entre os casos, em que o limite d'elasticidade da paciencia humana deve attingir valores incalculaveis, figura sem duvida o do presente artigo. Fallo da elasticidade da sua paciencia, não da minha, que está incubando este miserrimo escripto ha não sei quantos mezes, apesar da obrigação que contrahi de escrevel-o, quando a America vivia ainda ennevoada no meu espirito e a patria se me afigurava menos sombria do que ora a sinto e vejo. Que melhor documento poderei, no entanto, dar lhe da minha humilde probidade litteraria, do que este de pôr me a contas com as minhas recordações açorianas, dois dias antes de deixar Lisboa, Lisboa onde vivo ha perto de 30 annos e que abandono com verdadeiro alivio a todas as sugidades physicas e moraes que a impestam e devoram!

Pobre paiz cuja cabeça vive em tal estado!

Fallo-lhe de recordações açorianas meu caro Caetano Alberto. Creia no entanto que é a melhor bagagem que levo comigo e a que mais me aviva a saudade d'esta pobre patria sem povo e sem opinião, entregue ao barafustar de mil ambições insoffridas e aos conluios de uma politica de capote e lenço, sem norte e sem futuro, em cujas teias ha de morrer forçosamente o paiz, se algum milagre de Deus lhe não trouxer, a tempo, o remedio heroico de que tanto carece e precisa.

Voltemos porém aos Açores. Ainda me lembro — e sempre me lembrarei — com profundissimo reconhecimento, da boa gente que ali vive, digna, trabalhadora, esforçada e que tão generosamente me acolheu na viagem que, em principios de 1891 ali fiz, no desempenho de uma grave incumbencia de serviço publico. Que contraste com a nossa abastardada população continental, onde impera tudo, menos a aspera energia de que, mais do que nunca, tanto carecemos agora para a nossa rehabilitação e governo. Um milhão de homens como aquelles e os pantanos do parlamento e os do Terreiro do Paço deixarão de ser os envenenadores de uma raça, que tendo sido de heroes, apenas dá hoje servos... a toda a gente.

Se até chegam a desapparecer a luz e o ar para os que só tem por fortuna propria a consciencia e o trabalho indefesso e desinteressado!... Desculpe-me estes desabafos, meu caro Alberto. Escrevendo a correr, nem tempo terei para rever as provas do que redijo quasi sobre o joelho. Se julgar porém, que sou por de mais pessimista, côrte, avellude, polvilhe com boas palavras estas phrases de um descrente, 30 annos podem todavia muito, meu caro amigo, n'um coração humano, sobre tudo n'este deserto da consciencia e da boa e fecunda iniciativa publica portugueza, em que se tem *medrado* e vivido, ha tantos annos a esta parte.

Sabe o meu amigo o que são os Açores.

Archipelago levantado pelo fogo no meio do oceano, quente e palpitante ainda... Fabricado com lavas, por toda a parte se encontram vestigios da primitiva liquidez dos seus actuaes alicerces. Quantos livros — e dos mais attrahentes — se não poderiam escrever sobre este archipelago! Quantos factos novos para relatar, quantas maravilhas para reproduzir com a penna, com o buril ou com o pincel! Cuidei por alguns mezes n'um trabalho, que traçara a este respeito, e para o qual colligira numerosos e valiosissimos documentos... Gravuras, cartas, informações... havia-as de sobejo... Seria, sem duvida, á parte a insignificancia litteraria e scientifica do seu auctor, a mais completa informação portugueza sobre as ilhas de S. Miguel e da Terceira.

Miserias politicas, sobejamente conhecidas, impediram ou inutilisaram, porém, a ambicionada e desinteressada tarefa... E de tudo, quanto se apurou, apenas alguns *clichés*, tirados pelo auctor d'estas linhas, irão incluir se no amplo trabalho que o barão Jules de Guerne está emprehendendo em Paris sobre os Açores!

Bonita cousa para os nossos brios, não acha, meu caro Caetano Alberto? E não querem que se emigre ao verem-se ás soltas, d'esta arte, os estadistas que assim cuidam do seu paiz!

Vamos porém ás nossas gravuras, que o tempo urge e as malas esperam por mim. E ainda bem que o meu ultimo artigo nos jornaes portuguezes é sobre uma das mais interessantes e menos conhecidas curiosidades da Terceira, por mim visitada na mais excellente e generosa companhia. Trata-se da furna do Pico da Cruz, cuja origem foi tão bem descripta por M. F. Fouque na sua bro-

chura — Voyages géologiques aux Açores, 1873 — que o melhor que tenho a fazer é copiar, traduzindo livremente um dos trechos que se lhe referem.

«Um caso menos vulgar é aquelle em que o involucro solido d'uma camada (de lava) persiste sem se fracturar, mantendo-se inteira sobre o liquido ardente que reveste. Não raro, durante longos mezes, a massa interior encandescente conserva ainda a sua fluidez, apezar de estar já fria a superficie solida, que a envolve e esconde. Póde andar-se sobre ella ao tempo que a lava corre por debaixo, como uma serpente de fogo... Durante os primeiros tempos do phenomeno o foco vulcanico fornece todo o liquido preciso para esta especie de igneo caudal subterraneo. Abranda porem, a pouco e pouco, a erupção e, faltando novos materiaes, o movimento da lava esmorece... O tunnel que ella enchia, começa então a esvasiar-se, descendo a pouco e pouco até se esgotar a massa liquida, persistindo porém, apenas, o solido involucro, para dentro do qual se póde entrar mais tarde, quando o arrefecimento fôr já completo.»

Foi assim que nasceu e se creou a furna do Pico da Cruz. São 3 as gravuras que a representam. A primeira, copia de um instantaneo, figura a entrada da *nossa expedição* em um bello dia de março de 1891. Eram meus companheiros o meu bom e generoso amigo e distinctissimo engenheiro, o sr. João de Mendonça Pacheco e Mello, ao qual devo os mais instructivos e agradaveis passeios, que dei na ilha Terceira, passeios a que s. ex.ª presidiu com a mais gentil e previdente generosidade, o sr. dr. João Carlos da Silva Pitta, coração de ouro e intelligencia tão lucida como esclarecida, velho amigo, a que me prendem verdadeiro affecto e o mais cordeal reconhecimento, o sr. Henrique de Sá Nogueira, então governador civil do districto e que, ao cabo de um mez de digressões e de palestras, soube prender me com recordações, que me acompanharão por toda a vida, estimando-o e respeitando-o como a um perfeito cavalheiro, de alma tão desempoeirada como o caracter que é o do seu appelido, finamente educado e brilhantemente feito no convivio dos livros e do mundo, palmilhando leguas com o mesmo socego e desembaraço com que se póde andar por theatros e salões, o sr. Diogo d'Oliveira Jardim, meu secretario e um excellente e valiosissimo rapaz, o sr. Manoel Francisco d'Andrade, um moço muito sympathico, habil empregado nas obras publicas do districto e a quem fiz victima de mil encommendas e pedidos e um trabalhador, indispensavel n'estas emprezas.

A 2.ª gravura representa o tunnel illuminado com luz de magnesio, e a 3.ª uma parede do mesmo tunnel, obtida pelo mesmo processo e mostrando os desenhos em relevo que a lava, descendo constantemente de nivel, foi exarando na rocha, tão, por vezes, regularmente lavrada e rendilhada, que mais parece, em certos casos, attestar os lavores de uma architectura subterranea *sui generis*, do que a fatal consequencia da sua genese violenta e atormentada.

Taes são as gravuras e o que ellas pretendem figurar. São excellentes de expressão e de verdade, como aliás todas as obras do meu caro Alberto. As photographias são do signatario d'este artigo, ineditas, até hoje, pela simples razão de não haver outras e de serem estas, agora, publicadas pela primeira vez no seu OCCIDENTE. As que foram tiradas com luz de magnesio são as primeiras no genero, obtidas em Portugal, sendo o meu amigo, o Capitão Chaves e Mello, diga-se entre parenthesis, quem me forneceu o magnesio com que alumiei aquella originalissima gruta.

E com isto me fico por aqui e tenha paciencia pelo mal feito da obra. Parece-me até um artigo posthumo, tão perto estou do paquete, que me ha de levar para o novo mundo...

Novo mundo! Quando elle até fosse a sepultura, quanto não seria superior, ainda assim, á permanencia no mundo velho, n'este canto da vetusta Europa, n'este Portugal rico, apesar de empobrecido, grande, apesar de amesquinhado pelos especuladores e farçantes, que o teem desmoralisado e corrompido!

Não fallo do povo, porque esse... dorme se não morreu para sempre.

Lisboa 8 de agosto de 1892.

Seu amigo
e admirador obrigadissimo

José Julio Rodrigues.

AS NOSSAS GRAVURAS

GALITZIA — O MERCADO

Galitzia é uma cidade da Russia da Europa na antiga Polonia, fundada em 1152 pelo gran-duque Jorge Delgorouki e que parece deu o seu nome á familia Galitzin. Dista 40 kilometros de Tchouklo ma e tem uns seis mil habitantes em que entra um bom numero de judeus, que ali vivem explorando a inercia e a ignorancia d'aquelle povo indolente, onde predomina o vicio do alcool em larga escala.

O povo de Galitzia conserva se aferrado a seus antigos usos sem que os beneficios da civilisação e do progresso tenham conseguido ali penetrar apezar de estar ha muitos annos sob o dominio da Austria.

A nossa gravura representa o mercado da cidade, tão antigo como esta e muito pittoresco.

O PILOTO

(A José Maria da Silva e Almeida)

Era por um dia de primavera,
o sol dourava dos montes a aresta
semelhando ouro o que só argila era;
a natureza parecia em festa.
Ao longe via-se descendo o brejo
por um carreiro que em serpeios vinha
pela collina, um alegre cortejo
que era de volta da aldeia visinha.
A' frente vem um mancebo garboso,
gentil, que mais de vinte annos não t'ria;
vem radiante, no rosto formoso
lê-se uma infinda, uma enorme alegria.
Pois se noivo é da gentil Magdalena!
Foi educado por um marinheiro
que o encontrara exposto na pequena
praia d'abrigo, junto ao estaleiro.
Hoje o valente e bom velho João
orgulho póde ter do adoptivo,
porque se Magdalena é, com razão
ao que se diz, o retrato bem vivo
da formosura, tambem o João
elle era — sem n'isto contradizer —
um dos pilotos da povoação
o mais audaz e fiel ao dever,
á voz da honra; quando em seu furor
o mar terrivel, magestoso, irado
«João!» se brama; e elle sem temor
a vida vezes mil tem arriscado.
Eis pois, toda a boa gente da aldeia
n'um orgulhoso, grão contentamento;
e que Deus — não ha nenhum que o não creia —
abençoará este casamento!
'Stão casados, parte-se alegremente
para casa do pai de Magdalena.
Em honra d'um e do outro nubente
bebe-se, canta-se; que linda scena!
Lauto jantar então já se prepara
frege-se o peixe, o porco está assado
— o mais gordo que havia se matara —.
Todos do logarejo convidados
foram p'ra o sympathico festim
em que não estão pobres olvidados.
Quão bello isto é, e como não assim?!...

Depois o bom João por ser o mais idoso
dos presentes, deitando seu vinho espumoso
do rytho — um que do filho tinha a idade —,
brindando então os noivos, e, com gravidade
o copo levantando, e com voz mal segura
p'la emoção, desejava-lhes longa ventura.

De repente soou o grito do vigia
dominando o fragor que irado o mar fazia
«eia avante pilotos que ha navio em p'rigo!...
e urge do maritimo o soccorro amigo»...
A este grito e sem que apello se lhe faça
João vem corajoso acudir á desgraça,
e vindo ao cruciante brado atalaya,
eil-o no seu logar, a revoltada praia
p'lo temporal desfeito e desencadeado
que o indefeso barco assalta desesp'rado;
a vaga encapellada a seu cimo rugindo
o levantava e logo assim ia sumindo
fazendo-o mergulhar, ao abysmo profundo
em sinistros como este fertil e fecundo.
O mar embravecido quer subir aos céus:
ninguem os salvará, seria tentar Deus!
E João tão valente, sem desanimar
lança-se ás furiosas ondas, para levar
aos marinheiros em perigo de morrer,
uma corda, dizendo: «salvar ou perecer!»
A tempestade cresce, o trovão estrondeia;
e o irado mar o impurra p'ra a areia
e João vinte vezes repellido, attinge
a embarcação naufraga, e logo a si cinge
a corda que levava e aos naufragos agarra;
só com sua coragem e fragil amarra
todos salva, mulheres, velhos e creanças;
eil-os na praia já, possuindo esperanças
de verem a mãi, pai, ou outro ser amado.

Mais longe o mar engole o barco 'espedaçado.
Eis todos salvos, todos alcançando o porto,
um só faltou!... João, o piloto era morto!

Versão *Esteves Pereira.*

REVISTA POLITICA

Pouco tem dado que fallar de si, n'estes ultimos dias a matronassa Politica, a não serem os balões de ensaio de candidaturas provaveis por este ou por aquelle circulo, que os jornaes vão diariamente annunciando de envolta com as que tem por certas, de modo que os futuros deputados estão exactamente como a pescada: antes de o serem já o são.

Por aqui se vê que os processos eleitoraes vão sendo os mesmos porque se tem fabricado até aqui os paes da patria, continuando a imporem-se as mesmas influencias politicas que tão bons resultados tem dado, e esmorecendo cada vez mais a esperança de a nação entrar em uma nova phase, em uma nova orientação sobre o modo de se reger e de se emancipar d'essa politica de puro interesse pessoal em detrimento dos interesses da patria.

Toda a preoccupação dos politicos é saberem se poderão contar na futura camara com uma boa maioria para a sua parcialidade, e n'isso obedecem ao instincto da conservação animal commum a todos os seres vivos, como quem receia que se lhe escangalhe a egrejinha dos favoritismos, das beneses, da importancia convencional á sombra da qual vivem.

E se viesse uma camara independente, d'essas hoje avis raras de antes quebrar que torcer, que attendesse unica e exclusivamente aos interesses da grande communidade chamada nação?

Que em vez de ser uma camara comprada pelo governo ou por este ou por aquelle partido obedecendo cegamente e sem criterio ás conveniencias egoistas dos partidos, désse leis ao governo ou aos taes partidos, pondo-se no seu lugar e se desempenhando-se dignamente da missão que a Carta lhe destinou?

Sim, se viesse uma calamidade d'estas, onde iriam parar todos os conventiculos, todas as barrigas, todas essas mil e uma alcavalas e trapalhices politicas que constituem o pão nosso de cada dia dos taes politicos e a desgraça d'esta terra da flôr de laranjeira?!

Não se assustem, porém, os senhores politicos, pódem dormir descançados na sua caminha de intrigas, cobertos com as beneses compensadoras dos altos serviços prestados aos seus partidos, que tudo continuará como d'antes, para felicidade e luzimento d'esta patria que tem elevado á gloria exactamente como nas mesas de batota.

Tudo leva a crer que assim será, dada a ignorancia em que o povo vive e a sua indifferença pelas coisas da politica, estado inconsciente em que é arrastado á urna a votar sem saber em quem.

Entre nós os candidatos não precisam ser conhecidos pelos seus eleitores, basta serem conhecidos pelos influentes ou por quem os propõe. Isto poupa-lhes um grande trabalho de comicios e programmas em que declarem aos seus constituintes quaes as ideias com que vão ao parlamento, no que emfim se forram á difficil tarefa de as procurar, por ser justamente idéas a unica cousa que não teem.

E se fossemos n'este dissertar chegariamos ao limite d'esta revista sem fallar de mais nada, tendo aliás que nos referirmos á reforma administrativa que acaba de sahir do forno, e que está ainda quentinha nas columnas do *Diario do Governo.*

Não sabemos ao certo quantos billiões ou mesmo trilliões de reformas se tem feito n'este abençoado paiz desde que n'elle foi implantada a arvore da liberdade, esse logar commum estafado de todos os artigos e discursos solemnes na imprensa ou no parlamento, e não sabemos, porque, nos centenares de governos que se teem succedido n'este periodo, as reformas tem-se reproduzido com uma tal fecun-

didade que deixa a perder de vista a rapidez e abundancia com que se desenvolve o microbio da Cholera ou da Febre Amarella.

Esta fertilidade reformista honraria sobremaneira os reformadores, se essas reformas fossem sempre n'um continuo aperfeiçoamento, que levassem a nossa legislação e administração ao cumulo da perfectibilidade humana, o que não seria grande exigencia depois de tanto reformar.

Infelizmente, porém, não succede assim, porque os reformadores ou não tem competencia, ou não os deixam reformar livremente, no interesse do bem geral.

E precisamente por estas causas que se tem feito reformas sobre reformas sem nunca acertar.

A actual reforma administrativa, tem por principal fim cortar o abuso que muitas corporações administrativas tem feito do credito, seguindo o exemplo dos governos, de se empenharem até os cabellos.

E, em verdade, um governo que veio em nome da salvação publica, para equilibrar as finanças e fazer as economias que para isso sejam precisas, não podia deixar correr á revelia as juntas geraes e de parochia, as camaras municipaes e outras que se estão individando e opprimindo os contribuintes com crescentes impostos.

Diz o relatorio, que precede a reforma, que todas as juntas geraes se acham endividadas e que de 287 camaras municipaes só 116 é que não recorreram ao credito. Que as juntas de parochia seguiram o exemplo, e até estabelecimentos de beneficencia, a que devia presidir a maior economia e acerto na sua administração, estão empenhados tambem.

A reforma parece querer cortar o mal pela raiz, extinguindo as juntas geraes e creando em seu logar junto de cada governo civil, uma commissão districtal de cinco membros, passando a administração dos bens e estabelecimentos districtaes para o governo.

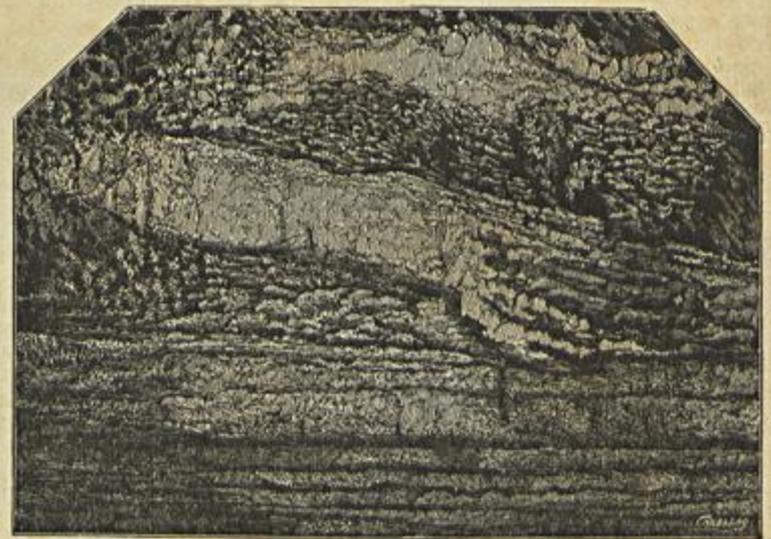
As juntas de parochia ficam limitadas á administração das fabricas das freguezias e retirada a auctorisação de lançarem impostos.

As camaras municipaes não poderão augmentar o quadro dos seus empregados, nem admittir novos sem auctorisação do governo, nem contrahirem emprestimos cujos encargos sejam superiores á quinta parte dos seus rendimentos.

Veremos a opposição que esta reforma levanta e quando virá outra reformal-a.

João Verdades.

ENTRADA DA FURNA

INTERIOR DA FURNA ILLUMINADA A MAGNESIO

PAREDE DA FURNA

FURNA DO PICO DA CRUZ, NA ILHA TERCEIRA

(Segundo photographias do sr. Conselheiro José Julio Rodrigues)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Os combustiveis fosseis em Portugal, por Alfredo de Moraes Carvalho, director da Associação Industrial Portuense e director technico das minas de carvão do Pejão. Porto 1891. Communicação feita á Associação Industrial Portuense, na sessão de direcção de 26 de agosto de 1891. E' um estudo rapido ainda que bastante illucidativo, sobre o carvão mineral fazendo vêr a riqueza progressiva que resulta da sua exploração, conforme o desenvolvimento das industrias. Depois de expôr a importancia dos jazigos carboniferos de differentes paizes e sua exploração, refere-se aos jazigos de Portugal, fazendo vêr as vantagens da sua exploração.

Existem em Portugal quatro regiões carboniferas conhecidas, sendo a primeira comprehendida de Pombal a Peniche, passando por Leiria, Batalha, Porto de Moz e Alcobaça, com um desenvolvimento de mais de cem kilometros; a segunda no Cabo Mondego, menos ampla que a primeira, mas ainda imprefeitamente conhecida; a terceira na serra do Bussaco ainda não completamente determinada mas que pelos estudos feitos parece ser de grande importancia; e a quarta no Douro, talvez a mais importante, de que 2:000 hectares se acham em exploração ainda que pouco desenvolvida. As considerações e calculos feitos pelo sr. Moraes Carvalho sobre estas regiões carboniferas são da maior importancia, e demonstram bem o desprezo em que tem estado no nosso paiz esta riqueza natural com grave prejuizo da nossa industria.

E' da maxima importancia attentarmos seriamente n'esta questão que importa para Portugal alguns milhares de contos que annualmente está perdendo e mandando para o estrangeiro, quando podiam ficar no paiz, dando alem d'isso emprego a grande numero de braços.

Esta é que é a verdadeira politica a seguir, para o paiz sahir das difficuldades em que se encontra.

Attente o governo e os homens de capital n'esta grande industria mineira, a que mais resultados praticos póde dar para a nossa industria e riqueza publica.

A escacez do espaço não nos premitte o darmos mais desenvolvimento á apreciação do trabalho do sr. Moraes Carvalho, que nos parece bem estudado, mas o nosso fim é chamar para elle a attenção dos que mais directamente lhes póde interessar o assumpto.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 45